

Mi

Canabinoides na medicina veterinária em Portugal - a realidade que conhecemos



—
 Someia Umarji
 MV, PG Acupuntura IVAS Certif.
 Diretora clínica ZENVET Medicina
 Veterinária Integrativa
www.zenvet.pt

—
 A crescente procura dos tutores por soluções alternativas e naturais para algumas condições médicas e comportamentais nos nossos animais de estimação torna o assunto dos canabinoides (CBD) inevitável. As preparações contendo no rótulo a indicação de CBD surgiram no mercado português em 2018, com diversas concentrações e apresentações (óleos, comprimidos, cápsulas) e alguns dos compradores destes produtos fizeram-no para administração aos seus animais de estimação, à semelhança do que já faziam há uns anos, comprando a partir do estrangeiro.

Esta realidade, que apenas se tornou mais aumentada com a facilidade de compra, trouxe as questões óbvias aos médicos veterinários que foram informados pelos tutores dessa administração. Sem informação médica veterinária específica, sem um consenso internacional sobre o seu uso, indicações, e especialmente pela falta de estudos e dados científicos nos nossos animais, as opções de acompanhamento desses animais e tutores tornam-se escassas. Existe também o tabu, à semelhança nos humanos, para discussão do tema e frequentemente se pensa que o animal

vai ficar a alucinar, drogado... quando a discussão é com alguém sem informação sobre o assunto.

Sabemos que existem – e são muitos – relatos do benefício terapêutico do uso de canabinoides, tanto que o Sativa, medicamento destinado ao uso humano e licenciado em Portugal pelo Infarmed, contém tetrahidrocanabinol (THC) a molécula responsável pelo efeito psicoativo. Sobre o CBD e outros canabinoides, a informação já vai surgindo sobre os seus efeitos específicos e as vantagens do uso de cada tipo (como referido em entrevista nesta edição), porém, a realização dos estudos clínicos tarda em surgir. As *guidelines* possíveis provêm de médicos veterinários que exercem nos Estados Unidos e utilizam a substância há largos anos, como é o caso do Dr. Robert Silver, do Colorado.

Após leitura da bibliografia existente sobre os diversos tipos de canabinoides, presentes não apenas na *cannabis* mas também no cânhamo (ambas estirpes da mesma espécie), conseguimos compreender o motivo pelo qual é observada uma melhoria clínica nos pacientes tratados. Existe um sistema endocanabinoide que funciona através de recetores específicos e diferenciados, através do qual são acionados os mecanismos terapêuticos do uso dos diversos canabidióis. Os recetores localizam-se na maioria dos órgãos, desde cérebro a trato respiratório, gastrointestinal e articular. As patologias para as quais a toma de canabinoides pode ser útil são, por esse motivo, diversas. As mais “populares” em medicina veterinária estão relacionadas com a patologia articular, epilepsia, pacientes oncológicos sintomáticos, doença imunomediada e doença degenerativa. Não quero com isto dizer que é um tratamento alternativo, mas sim complementar/integrativo, e com um potencial de atuação real, promovendo a melhoria dos sintomas do paciente. É imperativo compreender o processo da patologia e das moléculas, bem como garantir que o diagnóstico a que se chegou é o correto, para que os resultados surjam.

Um ponto importante sobre o uso destas moléculas, seja em medicina humana ou veterinária, e que constitui uma grande vantagem, é o facto de não possuírem propriedades aditivas. Os pacientes não ficam dependentes da toma das moléculas, o que por exemplo não acontece com o uso de opioides, tão disseminados no manejo da dor e de fácil acesso no nosso País.

Quantos de nós estão atentos aos pacientes que podem ficar dependentes da toma de opioides e consideram um desmame no término da terapêutica? Quantos de nós referimos a possibilidade de alterações comportamentais e nos padrões de sono

dos nossos pacientes aos tutores? E quantos de nós identificamos essas reações?

E, falando ainda de opioides e a propósito do uso de moléculas que sabemos que clinicamente têm efeito, mas sobre as quais não sabemos na totalidade o seu mecanismo de ação e mesmo assim são aprovadas e usadas largamente, o tramadol é um perfeito exemplo.

É também por este motivo que uma grande parte da comunidade médica contesta o que considera um *double standard* sobre a aprovação dos canabinoides.

Esta é uma discussão que deve existir em Portugal, por forma a podermos, independentemente, como a legislação europeia assim indica, decidir sobre o estatuto do CBD como médico ou suplemento, para que possamos de forma clara saber o que existe à venda e como estão os produtos a ser controlados em termos de qualidade, que é outra preocupação. É necessário pedir aos tutores que nos informem de tudo o que administram aos nossos pacientes e permitir uma discussão aberta, para que possamos saber todo o seu historial, em particular no que diz respeito ao CBD e sua proveniência, para ter estes fatores em conta no diagnóstico obtido. ^{VA}

As patologias para as quais a toma de canabinoides pode ser útil são diversas. As mais “populares” em medicina veterinária estão relacionadas com a patologia articular, epilepsia, pacientes oncológicos sintomáticos, doença imunomediada e doença degenerativa